

A árvore dos Toraja

*Philippe
Claudel*

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Depois da morte do seu melhor amigo, um cineasta mergulha na dúvida. Uma grande história entre dois homens.

Le Figaro

A árvore dos Toraja

Philippe Claudel

Traduzido do francês por
Artur Lopes Cardoso

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



I

Na ilha de Sulawesi, vivem os Toraja. A existência desse povo é obsessivamente ritmada pela morte. Quando um deles acaba por morrer, a organização das suas exéquias ocupa semanas, meses, por vezes, anos. Convém fazer com que venham à cerimónia todos os membros da família do defunto, o que pode representar milhares de pessoas dispersas pelo conjunto do arquipélago indonésio, e até fora dele. Levá-los a viajar, hospedá-los, alimentá-los é uma incumbência dos seus próximos. Não é raro estes endividarem-se de uma forma duradoura para poderem respeitar a tradição.

Casas de madeira, finas e graciosas como pequenas embarcações, são construídas para alojar os convidados. Compra-se gado tendo em vista os banquetes. Porcos e búfalos serão sacrificados para acompanhar o desaparecido. Durante todo esse tempo, preserva-se o corpo daquele que ainda não é considerado um morto mas sim uma pessoa doente – *to masaki*, na língua dos Toraja.

A sepultura onde é inumado é escavada na própria rocha de determinadas falésias sagradas. Em túmulos que têm a forma de um nicho, repousam os despojos de membros de uma mesma família, guardado por ídolos de madeira. Acontece os sarcófagos apodrecerem e abrirem-se. Então, as ossadas caem e são deixadas no solo, entre as folhas e a terra.

Atravessei a região dos Toraja durante a primavera do ano de 2012. Reencontrei nessa ilha, que ainda não conhecia, aquilo de que sempre gostei alhures na Indonésia: os seres,

sorridentes e pacíficos; as paisagens, onduladas, por vezes escarpadas, que formam um catálogo completo de verdes, do mais claro ao mais baço; os céus, que podem ser longos e azuis e, no dia seguinte, tornar-se verticais, uma colagem de altas nuvens de chumbo que rebentam de repente para deixar cair uma chuva quente sobre as florestas, as veredas e os arrozais; a noite, que chega cedo, com brutalidade, e inaugura o sabbat dos insetos e dos gecos; o prazer de beber uma cerveja gelada comendo um *nasi goreng* ou *satés* de cabra, num passeio, sentado em cadeiras de plástico feitas para gnomos; o de fumar um *kretek* com perfume de noz-moscada e de canela.

Perto de uma aldeia da região dos Toraja, situada numa clareira, mostraram-me uma árvore especial. Notável e majestosa, ergue-se na floresta a algumas centenas de metros a um nível inferior ao das casas. É uma sepultura reservada às crianças de muito tenra idade que morrem durante os primeiros meses. Esculpem uma cavidade no próprio tronco da árvore e depositam nela a criancinha morta enfaixada num sudário. Fecha-se o túmulo lenhoso com um entrançado de ramos e tecidos. Com o passar dos anos, a carne da árvore fecha-se de novo, guardando o corpo da criança no seu próprio grande corpo, sob a sua casca ressoldada. Então, pouco a pouco, começa a viagem que a faz subir aos céus, ao ritmo paciente do crescimento da árvore.

Nós enterramos os nossos mortos. Também os queimamos. Nunca nos passaria pela cabeça confiá-los às árvores e, no entanto, não temos falta de florestas nem de imaginário. Mas as nossas crenças tornaram-se ocas e desprovidas de eco. Perpetuamos rituais que a maior parte de nós teria uma grande dificuldade em explicar. No nosso mundo, apagamos agora a presença da morte. Os Toraja tornam-na o ponto focal da sua. Então, quem está certo?

Nessa mesma noite, enquanto bebia cervejas e fumava *kretek* na varandinha do meu quarto de hotel, voltei a pensar na árvore, na sua madeira alimentada por ossos frágeis e

carnes desaparecidas. Algumas idosas americanas riam muito alto, num nível inferior, enquanto terminavam o seu jantar na esplanada do restaurante. Cruzara-me com elas ao entrar. Calçavam ténis cor-de-rosa, vestiam calças de passeio em caqui com muitos bolsos, camisas de algodão e blusões de repórter de guerra. Tinham as cabeças ornadas de cabelos brancos ou malva, por vezes roxos. Tinham todas o mesmo nariz retocado, os mesmos olhos esticados e os mesmos lábios cheios. Estavam a chegar ao ponto final das suas vidas mas os seus rostos tinham o desenho abstrato e esquemático dos de raparigas artificiais, todas elas idênticas. Poderíamos pensar que estávamos diante de umas bonecas que haviam fugido de uma loja que se deleitava a vender, sabe-se lá a que clientela, artigos monstruosos. Pensei em todas as estratégias inúteis que pomos em ação nos nossos corpos para enganarmos o tempo e os nossos medos.

À minha frente, na noite indonésia, enquanto saboreava o perfume dos cigarros, identificava, pelas suas formas claras, os búfalos que dormitavam de pé no meio dos arrozais, com o crânio baixado em direção à lama. Uma chuva fina e também um pouco de bruma corriam sobre os seus corpos imóveis. Pareciam de um outro século. Sentia-os semiapagados. Pensava no desaparecimento. Na vinda ao mundo. Nessa dança incoerente, por vezes bela, por vezes grotesca, que é a nossa vida. E também no nosso fim. Os sapos conversavam. Grandes morcegos entregavam-se, por cima da minha cabeça, a um duelo silencioso. Três meses antes, acabara de fazer cinquenta anos. Isso significava alguma coisa?

Perto de mim, como sempre, estava pousado um livro. Nessa noite, tratava-se de *Qui a ramené Doruntine?*, de Ismaïl Kadaré, que leio pelo menos uma vez a cada dois anos. É uma história muito bela de promessa, de morte, de fantasma e de cavalgada. E também de inverno, que é a estação em que sempre me pareceu que me tornava verdadeiramente eu. Tinha um bloco de apontamentos e uma caneta de tinta permanente – leve como

uma pena, comprada havia mais de dez anos num mercado de Saigão. Já não sei se tomei notas enquanto pensava de novo na árvore, na sua casca fechada sobre os pequenos corpos invisíveis. Já não tenho a certeza: por vezes, escrevemos melhor no cérebro do que em qualquer outro lugar. Estava entre dois filmes, nesse momento difícil em que nos interrogamos sobre o que fizemos, perguntando-nos se vale a pena que o façamos, se tem um sentido. E em que sabemos ainda menos se devemos continuar.

A minha última longa-metragem tivera um acolhimento medíocre. O público não se precipitara para as salas. A sua carreira fora um pouco melhor no estrangeiro, na dezena de países onde fora exibido e aonde o acompanhara, respondendo às mesmas perguntas, arvorando o mesmo sorriso para os fotógrafos, e dando comigo sozinho à noite, no meu quarto de hotel, a contemplar as miniaturas do minibar como amigas de infortúnio. Depois dessa digressão, decidira ignorar esse filme que devorara dois anos da minha vida, virar interiormente uma página, e partira para Sulawesi, com um novo desejo de imagens que começava a despontar, ainda vago e desfocado, esperando uma afinação que não me apressaria a fazer. Há muito que compreendi que não *fazemos* filmes, mas sim que eles nascem de nós e se desenham como bem entendem, no momento que escolheram.

As velhas americanas – dir-se-ia que falo de automóveis – tinham-se calado e, sem dúvida, regressado ao quarto. Imaginava-as agora, sós, diante do espelho do quarto de banho, cada uma contemplando o seu rosto falso e lendo a sua idade verdadeira bem no fundo dos seus olhos tristes. Todas as mentiras contêm a sua queda amarga.

Três dias mais tarde, estava de volta a França. Mal entrei no meu apartamento, poisei a bagagem e bebi um copo de água da torneira, olhando em meu redor. Tinha a sensação de chegar a um país estrangeiro. Os odores eram conhecidos, decerto, mas pertenciam a uma estação citadina de que estivera ausente, e

onde ainda não reencontrara o meu lugar. O parquê estava sob os meus pés. Moscas mortas, com as patas estendidas para o teto, acabavam de se secar coletivamente nos peitoris das janelas. Ainda me considerava vulgar e exótico. Ainda tinha na boca o gosto singular dos *kreték*.

Ouvia, no entanto, sobre a minha cabeça, uns ruídos familiares, em especial o som do piano desafinado do Senhor Bellagar, o velho vizinho do 8.º andar, meio cego, cujo rosto e elegância engravatada não deixavam de nos lembrar Jorge Luis Borges, e que toca melancolicamente, durante horas, melodias da Europa central.

Percorri as diferentes divisões, o que é algo muito rápido dado que são apenas três, e ouvi as mensagens acumuladas no meu atendedor que piscava sobre uma mesa baixa, na sala, ao lado da fotografia de Florence, a minha ex-mulher, que me sorria. Foi assim que, entre elas, descobri a de Eugène:

– Vais rir-te – dizia-me –, tenho um cancro, mau.